



# Experiência Coletiva com o Mapping

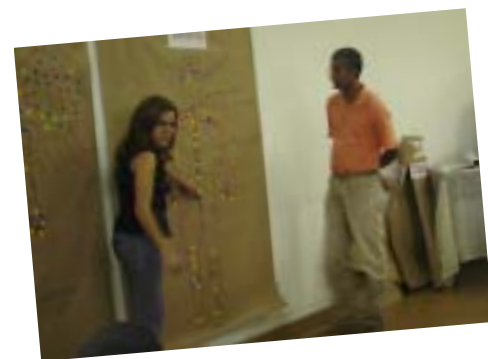
Os monitores da APPI desenvolveram todas as fases do Mapping, definindo um plano de ação que foi elaborado pelos 72 trabalhadores que participaram da atividade. O plano não ficou apenas no papel.

A mobilização dos trabalhadores conseguiu garantir importantes avanços.

“Escolhemos as escolas ‘Memorial Batista’; ‘Nova Jerusalém’ e o Centro Comunitário do Iguape para



realizar nosso trabalho. Convidamos trabalhadores de profissões diversas, como: assistentes de atividades educacionais; merendeiras; professores; secretários escolares; auxiliares de serviços gerais; porteiros e membros da direção. A aplicação do mapa do corpo foi um momento descontraído, importante e imprescindível para o desenvolvimento de todo o trabalho. Conseguimos envolver a todos na construção do mapa, identificação das dores e construção da consciência de que os problemas citados, na maioria, são comuns a quase todos que exercem a mesma função. Percebemos grande incidência de reclamações de dores na garganta, coluna cervical e lombar, braços, punhos, pernas e sobretudo problemas relacionados ao aspecto mental e psíquico: estresse, depressão, insônia, entre outros. Os trabalhadores também relataram forte pressão exercida sobre o trabalho que realizam. A reflexão conjunta foi importantíssima para quebrar barreiras, desconfianças e



criar um clima solidário no qual os participantes foram motivados a se envolverem nas demais etapas”, conta Enilda.

## Trabalho, Trabalho, Trabalho...

“Quando iniciamos o mapa do trabalho, os participantes estavam reflexivos com a descoberta proporcionada pelo mapa do corpo. Isso os motivou a pensar nos detalhes do local de trabalho que está adoecendo a todos. Durante a apresentação dos grupos, houve a preocupação de avaliarem cada espaço e definirem o que existe no local de trabalho que contribui para o adoecimento. Foram levantados vários problemas que têm influenciado diretamente na qualidade de vida de cada um”, relata Osman.



## Consequências em Nosso Mundo

“Após ter analisado o corpo e o trabalho, todas as resistências já tinham caído por terra. Então, na apresentação do trabalho, as pessoas colocaram as consequências do seu trabalho no mundo em que vivem. Foi como abrir a cortina e de repente ganhar consciência sobre algo. Este é um momento que precisa ser bem dirigido, pois está muito ligado ao lado emotivo das pessoas. Nos deparamos com pessoas desabafando frustrações, problemas. É preciso fazer da reflexão coletiva um gancho para a conscientização de que nosso trabalho tem influência direta em nossa vida, sobretudo na área da Educação Pública. Além da carga horária na escola, o profissional dessa área leva consi-

go trabalhos escolares e extra classe para serem realizados durante a madrugada ou final de semana. Por isso, durante a discussão do nosso mundo, ouvimos alguns relatos que valem a pena serem ressaltados, tais como: - Depois da jornada, sinto-me como uma luz quase apagando; ou - quero apenas dormir; ou - não tenho paciência com a minha família; ou ainda: - não tenho tempo para meus filhos; me fecho para o mundo; não quero mais falar depois de um dia de trabalho. Os trabalhadores ainda relataram a cobrança da família e o fato de haver relacionamentos desgastados que acabam em divórcios, a falta de lazer e o estresse”, identifica Vilian.



